



Universidade de Brasília

Instituto de Artes

Departamento de Artes Visuais

Curso de Graduação e Licenciatura em Artes Visuais.

**A TRAJETÓRIA DO CINEMA ACREANO: ELEMENTO DE LINGUAGEM
VISUAL PARA O ENSINO DE ARTE**

Autora: Verônica Rodrigues Lopes

Brasília/Acre 2011



Universidade de Brasília

Instituto de Artes

Departamento de Artes Visuais

Curso de Graduação e Licenciatura em Artes Visuais.

A TRAJETÓRIA DO CINEMA ACREANO: ELEMENTO DE LINGUAGEM VISUAL PARA O ENSINO DE ARTE

Verônica Rodrigues Lopes

Orientadoras:

Prof^ª. Dr^ª. Daniela de Oliveira

Tutora a distância: Cléa de Lourdes Araujo M. Rodrigues

Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Brasília-AC, Novembro de 2011



Universidade de Brasília

Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais
Curso de Graduação e Licenciatura em Artes Visuais.

**A TRAJETÓRIA DO CINEMA ACREANO: ELEMENTO DE LINGUAGEM
VISUAL PARA O ENSINO DE ARTE**

Autora: Verônica Rodrigues Lopes

BANCA EXAMINADORA

Dr^a. **Thérèse H. G. R. da Costa**

Professora Orientadora

Dr.Daniela de Oliveira

Professor Convidado

Maria Cecília

Brasília - AC, Novembro de 2011.

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu filho Israel Lopes Viegas, que me inspirou e ajudou a chegar até aqui.

Ao meu esposo Maximiliano, que sempre me apoiou.

À minha querida mãe Raimunda Rodrigues Lopes, que sempre lutou para que eu pudesse prosseguir com meus estudos e me ensinou o princípio da vida.

Enfim, a todos que confiaram na minha capacidade, me incentivando, apoiando, participaram diretamente da minha luta para chegar a essa tão sonhada vitória.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao meu Deus. Pois sempre esteve comigo nos momentos de tristeza e alegria. Sempre que lhe pedi ajuda, ele me disse: *filha, estou do seu lado, não temas*.

Em segundo lugar, agradeço a minha querida mãe, Raimunda Rodrigues Lopes, que nunca me deixou sozinha, foi ela, que por primeiro, me falou do amor, da alegria, e da esperança. Sempre me disse a palavra certa quando não sabia o que fazer. Mesmo quando erro, ela não desisti de mim.

A meu filho Israel Lopes Viegas, que sempre me compreendeu, quando me pedia para passear com ele nos finais de semana, e, eu lhe dizia: filho tenha paciência, hoje eu não posso sair.

A meu esposo, que foi um grande companheiro, que me deu seu ombro para chorar em momentos difíceis, que saiu em busca de recursos para realizar meus trabalhos. Que preparou o almoço e jantar quando estive ausente. Em fim, esteve ao meu lado me ajudando a realizar esse sonho.

As minhas irmãs e irmãos, Francisca, Neide, Cilene, Toinha, e Messias, que contribuíram diretamente com os meus estudos.

A todos os professores e tutores da UnB, pelo carinho, dedicação e entusiasmo demonstrados ao longo do curso.

Agradeço em especial à tutora a distância Cléa de Lourdes Araújo M. Rodrigues e à **Professora** Daniela Oliveira por terem aceitado serem orientadoras deste trabalho.

Aos colegas pela troca de informações e experiências numa rara demonstração de solidariedade e amizade.

Aos professores alunos que, com suas experiências trazidas na teoria e prática vivenciada na sala de aula contribuíram de uma forma ou de outra, para nosso crescimento profissional.

A todos que colaboraram direta ou indiretamente para a realização deste sonho.

Muito obrigado a todos!

“Que este sol a brilhar soberano.....

Fulge um astro na nossa bandeira

Que foi tinto no sangue de heróis

Adoremos na estrela altaneira

O mais belo e o melhor dos faróis...”

(Hino acreano)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
2.DESENVOLVIMENTO	9
2.1 Revisão de Literatura	9
2.1.1 A história do cinema acreano	10
2.1.2 O cinema como recurso pedagógico	13
2.1.3 O cineasta Adalberto Queiroz	14
2.1.4 O Projeto Cinema e Vídeo	16
2.2 Metodologia	17
2.2.1 Abordagem pedagógica do tema	17
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22
5. ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Meu interesse em pesquisar o Cinema acreano surgiu a partir do contato que tive com o cineasta Adalberto Queirós, um dos primeiros no cinema Acreano, quando realizou pela segunda vez o Projeto Cinema e Vídeo, no qual contemplou nessa edição os municípios de Brasiléia, Epitaciolândia, Capixaba e Xapuri. O projeto teve como objetivo garantir que a população das cidades mais distantes da capital do Acre tivesse o direito e acesso à formação técnica para a construção de obras audiovisuais, com noções teóricas e práticas de roteiro, além do conhecimento sobre as nomenclaturas cinematográficas, operação de câmera, captação de imagens e de áudio e o trabalho de produção.

Durante a realização do projeto Cinema e Vídeo tive a oportunidade de conhecer filmes e documentários produzidos na região, que contam o modo de viver dos povos da Amazônia, suas crenças, lendas, aspectos econômicos e sociais, bem como a produção de borracha durante a segunda guerra mundial, conflitos agrário, e a luta de Chico Mendes em defesa da Amazônia.

O projeto apresentou uma mostra de filmes acreanos de caráter educativo, que abordam meio ambiente, história, educação e temas da atualidade para serem debatidos e discutidos. No primeiro dia da oficina foi exibido o documentário “sujeito coletivo” produzido pelo historiador Marcos Fernando, de Epitaciolândia, que aborda conflitos agrários na zona rural da região. Outros filmes documentários como a Revolução Acreana, Trottamundos, Mais Educação, Fala Xapuri, Que Droga é Essa, também foram exibidos durante o projeto.

Acredito que seja de fundamental importância fazer um resgate da trajetória do cinema acreano, tendo em vista que praticamente não existe nenhum estudo feito sobre o surgimento da 7ª arte no Acre. Atualmente, as escolas do Acre não trabalham com a história do cinema na sala de aula. Este trabalho servirá de instrumento para escolas e professores do Acre, que hoje não dispõem de material para fazer pesquisa. A inclusão do cinema na escola como veículo de comunicação e como ferramenta diferenciada, ajuda os estudantes a entender o mundo através da cultura local e conhecer os problemas que da nossa região.

O Projeto Trajetória do Cinema Acreano: Elemento de linguagem visual para o ensino de arte vem para contribuir com a melhoria do ensino nas escolas públicas do Acre. A pesquisa será disponibilizada as instituições públicas e privadas de ensino do acre, para que a nossa sociedade conheça através da linguagem cinematográfica a história de nossos

contemporâneos. Este projeto pretende mostrar aos alunos do 3º ano da escola estadual Joana Ribeiro Amed, um cinema que tem a cara do jeito de viver do povo do Acre.

Em nossa sociedade as novas tecnologias cada vez mais fazem parte de nossas vidas, e nesse campo, o cinema possui papel fundamental de comunicador social.

O cinema é um instrumento capaz de orientar e moldar o nosso comportamento. É um acontecimento que conquistou todos os tipos pessoas de diferente classe social. Ele é uma marca da evolução da humanidade moderna. Muitas vezes quando assistimo um filme, parece que estamos presente nele, ou seja, ele é a transposição de uma historia vivida. O cinema não é apenas uma arte, ele uma arte capaz de reduzir diferença entre comportamento e manifestações culturais construídos através de modelos de padrões de condutas.

Os objetivos desta pesquisa são: ampliar o universo cultural e contribuir para o desenvolvimento do senso crítico de crianças, adolescentes e jovens oriundos das classes populares através da linguagem audiovisual. Outro objetivo deste projeto consiste em aproximar os alunos da arte cinematográfica, desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe, imaginação e sensibilidade. O cinema é recurso que proporciona ao educador condições para que ele trabalhe com um conceito de educação mais amplo, para além do que se denomina educação escolar. Sendo assim, é importante repensar o fazer pedagógico incorporando novas fontes de diálogos como cinema e valorizar o saber popular local.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Revisão de Literatura

A educação é uma forma de intervenção no mundo. Educar através do cinema significa olhar para o mundo de uma forma deferente. Os filmes muitas vezes são um retrato real de uma sociedade que a construiu. O cinema é também uma fonte importante para a ciência histórica, pode ser utilizado como documento. A utilização do cinema no processo de ensino aprendizagem possibilita o aluno a ter um olhar diferenciado e mais crítico, tornando-se um telespectador mais lúcido, capaz de propiciar inovações críticas.

“Educar pelo cinema ou utilizar o cinema no processo escolar é ensinar a ver diferente. É educar o olhar. É decifrar os enigmas da modernidade na moldura do espaço magnético. Cinéfilos e consumidores de imagem em geral são espectadores passivos. Na realidade são consumidores pela imagem. Aprender a ver cinema é realizar esse rito de passagem de espectador passivo para espectador crítico”. (CARMO, 2003, p.3).

O professor que trabalha com arte na sala de aula deve acompanhar os avanços tecnológicos e entender a importância das novas mídias para o ensino das Artes Visuais, pensando alternativas artísticas contemporâneas. As inovações tecnológicas principalmente no âmbito da educação, ainda se constitui como algo novo, porém ainda existe resistência por parte de professores em utilizar.

Dessa forma, as transformações necessárias que podem contribuir para melhorar a qualidade de vida da sociedade atual pode ficar prejudicada. Além disso, o cinema é uma experiência cultural importante, como a literatura e a música. E para que seja inserido como prática pedagógica é preciso ampliar o conhecimento do cinema como uma linguagem de arte.

O professor precisa estar preparado para explorar e entender o filme, para ganhar sentido didático, e dessa forma vai propiciar uma melhor aprendizagem aos alunos.

Partindo-se desse pressuposto,

...a luta entre a tradição e a inovação, que é o princípio de desenvolvimento interno da cultura das sociedades históricas, só pode prosseguir por meio da vitória permanente da inovação. Mas a inovação na cultura só é sustentada pelo movimento histórico total que, ao tomar consciência de sua totalidade, tende à superação de seus próprios pressupostos naturais e vai no sentido da supressão de toda separação. (COUTINHO, 2007, p. 5)

O escritor Cabrera (2006), afirma: “o cinema como à plenitude da experiência vivida”.

No cinema o artista leva para o palco a sua experiência de vida, levando o espectador a tirar suas próprias conclusões acerca do que lhe é apresentado, a história é realidade de diversos tempos do homem.

2.1.1 A história do cinema Acreano

No Acre, fazer cinema em meados da década de 70 era proibido, inconcebível, era considerado impossível. Em Rio Branco, capital do Acre, ainda nem existia televisão, uma vez que o regime militar vigente na época proibia a liberdade de expressão, o direito de associação, de sindicato, da livre expressão em geral. Mesmo assim, um grupo de jovens apaixonados pelo cinema desafiaram as forças de um regime militar instituído e fizeram o primeiro filme no Acre intitulado “Fracassou Meu Casamento”, e saíram da capital para fazer a estréia do filme no município de Brasília, distante a 230 km; na época a estrada era de barro, de carro a viagem poderia durar até dois dias. No dia da estréia do filme, 3 de julho de

1972, muita gente caminhou dois dias para assistir à primeira exibição, que foi um grande sucesso. Brasiléia estava em festa por ocasião de seu aniversário, a praça central da cidade ficou tomada por pessoas que estavam encantados para ver a estréia do primeiro filme. No dia seguinte à projeção do filme, quando o grupo de jovens amantes do cinema voltou para Rio Branco foram surpreendidos por uma barreira de uma instituição policial do Regime Militar, que aprendeu todo o material. Na época, fazer ou incentivar cultura era considerado crime contra o país. Até hoje o filme não pode ser recuperado porque ficou preso nos porões da ditadura militar em Brasília. Depois de 10 anos Adalberto conseguiu encontrá-lo num estado muito difícil de ser recuperado.

O cinema, conhecido como a Sétima Arte, começou a se expandir no Acre a partir da realização de festivais de filmes super 8 (películas). No entanto, os festivais abrangiam somente a capital acreana. Só em 2008 foi criada uma oficina baseada nas experiências de Adalberto Queirós, que começou a percorrer vários municípios do Acre com a intenção de compartilhar técnicas de construção de cinema, vídeo, e a linguagem audiovisual com jovens, populações urbanas e rurais. O município de Brasiléia é considerado por muitos como o berço do cinema acreano, pelo motivo de o primeiro filme ter estreado no município, além disso, foi produzido em Brasiléia o filme “Três Fronteiras” com a participação de pessoas do próprio município. O filme aborda questões peculiares da região de fronteira entre o Acre, Bolívia e Peru, como a questão do tráfico de drogas, prostituição e a miscigenação cultural. Com esse trabalho Brasiléia conquistou o terceiro lugar no I festival acreano de cinema e vídeo, no ano de 2009.

Depois de “Fracassou Meu Casamento” o grupo de Adalberto Queirós produziu “Rosinha, a Rainha do Sertão”. Estreado em 1974, o filme foi exibido em vários festivais pelo país, ganhou alguns prêmios e proporcionou mais visibilidade aos jovens cineastas acreanos. O roteiro de Rosinha foi escrito por João Batista e Toni Van, que faziam parte do grupo de Adalberto. Em 1977, Adalberto e João Batista participaram em Brasília de uma solenidade sobre a cultura do Acre. O filme Rosinha foi exibido na Praça dos Três Poderes e no Setor Rodoviário, e ficou por um tempo em exposição. O filme teve uma boa repercussão, João Batista recebeu um convite para trabalhar na Rede Globo. Em 1978, Adalberto foi, como diretor do Ecaja, ao XI Festival do Cinema Brasileiro, em Brasília. Lá projetaram “Rosinha, a Rainha do Sertão” e “A luta em busca do amor”. Em 1979, participaram do VII Festival do Filme Super-8, em São Paulo, onde João Batista ganhou o prêmio de melhor ator por “A luta em busca do amor”.

Dentre os principais filmes que contribuíram para a formação cultural cineasta do Acre podemos destacar: **O Grande Camaleão** (doc. 25 min) com roteiro e produção de Luiz Amaral e Marcos Chaá, que revela a filosofia de um mendigo que transitava nas ruas de Rio Branco entre as décadas de 60 e 70 do século passado, muito conhecido como Camaleão Ovado; **Sujeito Coletivo** (doc. 18 min), produzido em Brasiléia-Acre, com produção e direção de Marcos Fernando, discute as questões relacionadas aos EMPATES, movimento de resistência de seringueiros e colonos contra as grandes derrubadas e queimadas ocorridas nos anos 70 e 80 do século passado, que resultaram no assassinato de seu líder Wilson Pinheiro; **Viver Seringueiro** (ficção, 25 min), produzido em Rio Branco em 2002, com produção e direção de Maria Rita e Adalberto Queiróz; **Sinopse**, com produção e direção de Adalberto Queiróz, retrata a vida no seringal, seus mitos, suas relações cotidianas, a importância do rádio e a organização em função dos impactos causados pelas mudanças. A interpretação é realizada por crianças e adolescentes, estudantes da Escola Zuleide Pereira, situada à Rodovia AC-40; **O Tecido e a Borracha** (25 min, Rio Branco – 2005) com produção e direção de Sérgio Carvalho, aborda o processo de produção da borracha natural, a partir da exploração do látex como produto que revolucionou o Acre ante a exploração capitalista do homem, destacando as lições de vida do homem na floresta; **Que Droga é Essa**,(ficção, 74 min. Rio Branco- Acre 2004), com roteiro e produção de Inêz de Andrade, fala dos aspectos marcantes das comunidades periféricas da cidade de Rio Branco com enfoque central nas manifestações da cultura - alienação que declina pessoas para a prostituição, adultério, violência contra a mulher, tráfico de drogas e homicídio; **Um Amor de Gameleira** (ficção, 22 min. Rio Branco 2007) com roteiro e produção de Fátima Cordeiro, retrata aspectos do imaginário popular da cidade de Rio Branco - um turista somente é quem pode ver a aparição de uma mulher que há muito havia morrido afogada no Rio Acre. Movido por uma profunda e incontrolável paixão e por um sonho que não pode realizar, ele também acaba consumido pelas águas calmas de verão do rio que, outrora, levava a bela imagem da sua aparição que residia nas proximidades da gameleira, no Segundo Distrito; **Diretas Já** (15 min. Rio Branco 1985) com produção e direção de Adalberto Queiroz, registra aspectos da luta do povo brasileiro contra o Regime Militar e exigindo de volta o seu Direito de Cidadania, culminando com o Manifesto da Caravana da Cidadania, composta por Tancredo Neves, Ulisses Guimarães, José Chichard, Jäder Barbalho, José Sarney, dentre outros, com grande concentração popular, em frente ao Palácio Rio Branco. Filme Rodado em película Super 8mm. e VHS; **Transformando Lixo em Dinheiro** (doc. 25 min, Rio Branco 2010) com roteiro e produção de Gilberto Trottamondos (Lançamento). Relata as alternativas de vida existentes a partir da Coleta

Seletiva do Lixo e da sua transformação em algum produto de utilidade; **Rosinha, a Rainha do Sertão**, retrata aspectos da chegada de sulistas ao Acre na década de 70, com a perspectiva de um novo modelo econômico baseado na pecuária, gerando um choque cultural motivado pela esperteza dos migrantes contra o homem acreano, ironicamente abordado entre drama e comédia; **Revolução Acreana** conta a história do Acre, da evolução tecnológica que culminou com a vulcanização da borracha, a colonização do território para a produção, os movimentos políticos, as lutas armadas, o Tratado de Petrópolis, a Conquista Definitiva do Acre e a visão atual dos bolivianos sobre a questão acreana; **Fala Xapuri**, aborda a questão das lutas de seringueiros liderados por Chico Mendes contra as derrubadas, as contradições sociais e políticas do movimento, o assassinato e as conquistas em torno de sua luta. (Informação verbal-Queiróz 2011)

2.1.2. O cinema como recurso pedagógico

A inserção de conteúdo cinematográfico tanto nas aulas de artes como também em todas as outras disciplinas é importante, pois amplia a visão do aluno a ter contato com outras realidades; através do cinema o aluno pode ver o que aconteceu em outras épocas. Muitos filmes são lições de vidas, ensinam algo diferente do que estamos acostumados a ver em nosso dia-a-dia, aumentando a nossa capacidade de compreender o mundo, além de ser algo lúdico que mexe com a nossa imaginação. A utilização do cinema como prática pedagógica pode despertar a curiosidade do aluno na busca de conhecimento de forma diferenciada e mais interessante que o ensino tradicional apoiado, por exemplo, em atividades expositivas e seminários.

Em seu livro *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*, a professora Ana Mae, contempla aspectos como os compromissos da arte-educação com a cultura e com a história:

“A arte como uma linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos por intermédio de nenhum tipo de linguagem, tais como a discursiva e a científica. Dentre as artes, as visuais, tendo a imagem como matéria prima, tornam possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos”. (BARBOSA 2002 p. 18).

Barbosa destaca o potencial da arte como via de conhecimento quando diz que:

Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2003, p.18)

A atividade artística possibilita o aluno ter um contato direto com arte, ajudando a desenvolver sua flexibilidade, possibilita uma maior capacidade de se adaptar com situações inusitadas. Além disso, o processo de criação visual o aluno expressa sua visão de mundo e a sua própria história, ou seja, ele pode criar uma representação visual de sua vivência.

Vigotsky, (2008) enfatiza que os processos lúdicos propiciam que crianças, jovens, adultos e idosos dialoguem com as produções de seus antepassados e de outras culturas. [...] São eles que podem mostrar a importância dos processos lúdicos no ensino-aprendizagem, atuando como mediadores da cultura e proponham suas próprias maneiras de interpretar o mundo e a si mesmos em processos individuais e coletivos de fruição e criação.

Ferreira, (2001) deixa bem claro que as artes fornecem um dos mais potentes sistemas simbólicos das culturas e auxiliam os alunos a criar formas únicas de pensamento. Em contato com as artes e ao realizarem atividades artísticas, os alunos aprendem muito mais do que pretendemos, extrapolam o que poderiam aprender no campo específico das artes. E, como o ser humano, é um ser cultural, essa é a razão primeira para a presença das artes na educação escolar.

2.1.3. O cineasta Adalberto Queiróz



Figura 1. Alberto Queirós. Fonte: <http://www.almanacre.com/2010/09/nupcias-vermelhas.html> acesso em 30 setembro 2011.

Adalberto, 58 anos, é um dos pioneiros da cultura audiovisual no Acre, é professor de História da Universidade Federal do Acre e também presidente da Associação Acreana de Cinema - ASACINE. Adalberto Queiróz, o quarto filho de um casal de nordestinos, é um acreano feito no seringal da Bolívia chamado “Buena Esperanza”, na fronteira com Plácido de

Castro. Como ele mesmo diz, sua mãe o carregou na barriga, em cima do lombo de um burro até a Maternidade Bárbara Heliodora, em Rio Branco.

Seus pais vieram para a região no início dos anos 40, no auge do ouro negro, para integrarem o “exército” dos soldados da borracha. Queiróz nasceu na capital acreana e não pode voltar para o seringal em que sua família morava. Os Bolivianos estavam fazendo diligências para registrar todas as crianças que nascessem nas terras da Bolívia ou próximas a ela.

O ano de 1973 foi o marco inicial da história de Adalberto Queiróz como cineasta. Na época com 20 anos, era vendedor ambulante de bananas em Rio Branco, cursava a 2ª série ginásial, correspondente hoje à 6ª série, na Escola Norma Lourenço Filho, centro da cidade de Rio Branco, onde atualmente é o Colégio Barão do Rio Branco – CEBRB.

Sua história no cinema acreano se deu a partir do convite de João Batista Marques de Assunção para participar do cinema. Por sua vez, João era vendedor ambulante de pão fabricado na padaria do Espanhol, no Bosque, Bairro da capital Rio Branco. Esse perfil inicial é demonstrado do retrato do Acre à época, quando jovens estavam sempre aquém dos processos educacionais, isso quando estavam inseridos na escola. Vale a pena destacar que nessa época não havia televisão no Acre, o Rio Acre tinha deixado de ser um Rio Navegável, pois com a construção da ponte metálica os navios de médio porte deixaram de vir a Rio Branco de outras cidades por causa da construção da ponte metálica.

Foi nesse contexto que surgiu o Cinema Acreano, por jovens que participavam da Comunidade de Base da Igreja São Sebastião, na rua Epaminondas Jácome, centro de Rio Branco. Foi justamente nesse centro comunitário que, no dia 26 de março de 1973 foi Fundado o Grupo ECAJA Filmes - Estúdio Cinematográfico Amador de Jovens Acreanos, sigla idealizada por Antonio Dourado de Souza, in memoriam como afirma Queiroz, 2011.

Queiróz começou a fazer cinema após ter lido “Jovens Cineastas”. O primeiro filme produzido por ele chama-se “Fracassou meu casamento”, e hoje tem mais de 200 obras gravadas em seu acervo pessoal, entre elas: *Rosinha, a Rainha do Sertão*, de 1974, que foi seu filme de maior sucesso. Definido como “divertido” pelo próprio Adalberto, a obra é uma das doações feitas à Biblioteca da Floresta. Os outros títulos foram: São João na Terra; Horas Amargas; Acerto de Contas; Traição; Agonia na Cidade; MULHER – A Luta Continua; Santinho – Soltando a Voz; Filho da Rua; Volta por Cima; Coisas da Vida; Caravana Verde; Um Crime, Um Mistério; Revolução Acreana; Vivendo e Aprendendo.

Ele afirma - *“Éramos um grupo de amigos motivados por um livro e queríamos produzir novelas radiofônicas. Era um sonho nosso, meu, do Teixeirinha do Acre, Tonivam Brito, Raimundo Ferreira, Antônio Dourado e outros jovens amigos”*, palavras de Queiróz.

Adalberto é um artista que tem demonstrado durante sua trajetória um grande esforço para difusão do cinema acreano. Através de seus projetos tem expandido conhecimento sobre a produção de cinema a seu povo, ajudando no desenvolvimento de ações educacionais, tanto na área de formação quanto na proposição de temáticas nas diversas áreas por meio dos filmes, contribuindo nos processos de ensino e aprendizagem nas escolas públicas e particulares do ensino básico e nas universidades.

2.1.4. O Projeto Cinema e Vídeo

1ª EDIÇÃO

No ano de 1979 a Associação Acreana de Cinema começou a produzir festival de filmes super-8 películas, na capital Rio Branco. Mesmo recebendo o nome de festival acreano, somente as pessoas da capital participavam do evento. Em 2008 depois de ter produzido 8 festivais, o organizador do evento, Adalberto Queiróz, decidiu parar com os festivais e criar o Projeto Cinema e Vídeo, baseado em suas experiências com o cinema.

A Associação Acreana de Cinema resolveu fazer um festival de cinema diferente. Ao invés de promover um espetáculo com a apresentação dos melhores filmes de produção inédita, ela escolheu as melhores películas criadas pelos artistas locais e levou para as escolas e associações de bairros no interior do estado.

E pela primeira vez ele ministrou a oficina para a população dos municípios acreanos de Rodrigues Alves, Mâncio Lima, Manoel Urbano, Feijó, Tarauacá e Cruzeiro do Sul municípios localizados em áreas de difícil acesso e distantes da capital do Acre. Na época, o município de Brasileia também foi contemplado.

2ª EDIÇÃO

Em sua 2ª edição o projeto percorreu os municípios do Alto Acre com oficinas de técnicas básicas de cinema e vídeo, ministradas para os fazedores de cultura dos municípios de Capixaba, Assis Brasil, Brasiléia, Epitaciolândia e Xapuri.

As duas edições do Projeto Cinema e Vídeo foram realizados através da Lei de Incentivo à Cultura do Governo do Estado do Acre. “O objetivo é garantir que a população das cidades mais distantes da capital do Acre tenha o direito e acesso à formação técnica para

a construção de obras audiovisuais, com noções teóricas e práticas de roteiro, além do conhecimento sobre as nomenclaturas cinematográficas, operação de câmera, captação de imagens e de áudio e o trabalho de produção”, destaca Queiróz.

Em Brasília, o resultado do projeto foi a produção do filme *Três Fronteiras*. No ano seguinte o filme participou do festival acreano de cinema e ganhou o prêmio revelação. O filme *Três Fronteiras* aborda assunto como o tráfico de drogas, prostituição infantil e o cotidiano na fronteira de Brasília com o Departamento de Pando – Cobija (Bolívia). O filme está guardado no acervo cultural do estado do Acre.

O projeto também apresentou nessas localidades uma mostra de filmes e documentários acreanos de caráter educativo, que abordam meio ambiente, história, educação e temas da atualidade para serem debatidos e discutidos.

Outra proposta do Projeto Cinema e Vídeo foi trabalhar na montagem de núcleos independentes de produção em cada um desses municípios. (Informação verbal-Queiróz 2011).

2.2. Metodologia

Como forma de contribuir com a melhoria da qualidade do ensino nas escolas, o projeto *A trajetória do Cinema Acreano: Elemento de linguagem visual para o ensino* tem como objetivo disponibilizar esta pesquisa às instituições de ensino, para que nossas crianças e jovens possam ter acesso à nossa própria história através da linguagem cinematográfica.

Através do cinema nossas crianças poderão ver-se e conhecer a história de seus antepassados, por meio de filmes que trazem uma temática importante para ser debatida coletivamente na sala de aula.

Como estratégia para abordagem pedagógica este projeto pretende apresentar uma proposta de plano de aula para alunos do 3º ano da escola Joana Ribeiro Amed, localizada na cidade de Epitaciolândia, AC, e a sociedade em geral, um cinema que tem a nossa cara, o nosso jeito seringueiro de ser, ou o jeito de viver do povo acreano. Esse será um momento que os alunos, muitos pela primeira vez, irão assistir a um filme produzido no Acre, os alunos terão a oportunidade de produzir debates e reflexões a respeito da produção cinematográfica do Acre.

2.2.1. Abordagem pedagógica do tema “A trajetória do cinema acreano: elemento de linguagem visual para o ensino de arte”

Título: Cinema vai à escola

Carga Horária – 6h/aulas.

Perfil do aluno – A aula será desenvolvida com 40 alunos do 3º ano do ensino médio, com idade entre 16 e 18 anos.

Conteúdo de estudo - A trajetória do cinema acreano.

Objetivo geral – A apresentar o cinema como um importante mobilizador social e viabilizador de uma nova aprendizagem na escola; discutir sobre a importância do cinema no ensino e suas contribuições como recurso pedagógico nas aulas da disciplina de Artes Visuais.

Objetivos específicos

- 1- Despertar o interesse do aluno pelo cinema e pela arte;
- 2- Apresentar o Cinema acreano aos estudantes como sendo uma fonte de cultura e agente transmissor de conhecimento;
- 3- Possibilitar o debate inter e transdisciplinar em torno de temáticas atuais apresentadas através de filmes e documentários;

Detalhamento do Plano de Aula

Primeiro Momento - Palestra sobre trajetória do cinema acreano com o cineasta Adalberto Queiróz, um dos primeiros no cinema Acreano, com duração de 30 minutos.

Segundo Momento - Debate sobre a palestra com os alunos, com duração 30 minutos.

Terceiro momento- Como todos os alunos do Acre que estudam o 3º do ensino médio tem notebooks cedidos pelo governo, para complementar as informações sobre o cinema acreano, os alunos acessarão a internet para pesquisar sobre filmes, fotografia e historia do cinema acreano. A pesquisa terá duração de 1h aula. (matéria sobre notebooks cedidos pelo governo em anexo).

Quarto momento-Será formado dez grupos de 4 alunos. Cada grupo irá produzir um texto expondo o que aprendeu sobre a palestra e a pesquisa realizada sobre o cinema acreano, duração 1h/aula.

Quinto momento – Exposição oral dos trabalhos em grupos sobre o que aprenderam ou conheceram sobre a pesquisa realizada na internet e através da palestra pelo cineasta

Adalberto Queiróz. Cada grupo deve eleger um representante para fazer a apresentação do trabalho que terá duração de 5 minutos. Duração 1h aula.

Sexto momento- Assistir o filme *Que Droga é Essa* (ficção, 74 min., Rio Branco– Acre 2004. Roteiro e Produção: Inêz de Andrade), que mostra aspectos marcantes das comunidades periféricas da cidade de Rio Branco, com enfoque central nas manifestações da cultura, alienação que declina pessoas para a prostituição, adultério, violência contra a mulher, tráfico de drogas e homicídio.

Sétimo momento: Análise coletiva do filme. Duração 46m.

As atividades do sexto e sétimo momento terá a duração de 2h aulas consecutivas, sendo 74 minutos para o filme e 46m para fazer a análise coletivo.

Itens avaliados:

- A importância de utilizar o cinema na sala de aula como recurso pedagógico
- A importância do cinema para o fomento da cultura e da arte no acre
- Aspectos marcantes da cultura e da arte acreana apresentado no filme
- Problemas vivenciados em nossa comunidade ou bairro onde moramos destacado através do filme.

Recursos pedagógicos

Computadores

Papel

Caneta

Data show

Caixa de som

Filme: *Que Droga é Essa*.

Entrevista com Adalberto Queiróz (anexo 1, p.26) em anexo.

Avaliação da(s) Atividade(s) – A avaliação da aprendizagem será contínua, priorizando aspectos qualitativos relacionados ao processo de aprendizagem e ao desenvolvimento do aluno observado durante a realização das atividades propostas, individualmente ou em grupo.

-No primeiro e segundo momento será avaliado a participação e o interesse dos alunos em relação à palestra e a participação no debate.

-No terceiro momento será avaliado a disponibilidade e o interesse de cada aluno na realização da pesquisa de fotos, filmes, e história do cinema acreano na internet.

-No quarto momento será avaliada a argumentação da aprendizagem e qualidade dos conteúdos dos textos inscritos.

-No quinto momento será avaliado a clareza e o entendimento durante a apresentação oral de cada aluno.

-No sexto momento avaliação se dará através da participação e interações nas diversas abordagens feitas sobre o filme assistido.

Bibliografia consultada.

Para atender às necessidades de consulta e pesquisa de docentes e alunos, disponibilizo aqui endereço de sites para consultas sobre a história do cinema acreano.

QUEIROZ, Adalberto, Pioneirismo no cinema amador acreano. Disponível em: <http://www.bibliotecadafloresta.ac.gov.br/HOME/almanacre_12_13_set.pdf>. Acesso em 16 de novembro de 2011.

ESCÓCIO FERNANDA, Novo espaço para o cinema acreano. Disponível em: <http://www.bibliotecadafloresta.ac.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=937:novo-espaco-para-o-cinema-acreano&catid=127:cinemacre-artigos-e-noticias&Itemid=263>. Acesso em 16 de novembro 2011.

Roberta Sâmia, Circulando: Conheça a história do cinema acreano. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=05DUfvroXvA>. Acesso em 16 de novembro 2011.

Filme:

- Que Droga é Essa (ficção, 74 min., Rio Branco– Acre 2004. Roteiro e Produção: Inêz de Andrade), que mostra aspectos marcantes das comunidades periféricas da cidade de Rio Branco, com enfoque central nas manifestações da cultura, alienação que declina pessoas para a prostituição, adultério, violência contra a mulher, tráfico de drogas e homicídio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre “trajetória do cinema acreano: elemento de linguagem visual para o ensino de arte” tem como foco despertar os professores e alunos para uma nova visão da educação através dos métodos pedagógicos modernos de ensino-aprendizagem. Tal pesquisa abrirá possibilidades para uma aprendizagem e crescimento pessoal e coletivo, seja no ambiente escolar ou na vida social dos alunos.

Durante esses quatro anos do curso de licenciatura em Artes Visuais, pude perceber que a arte/educação ainda é algo sem muita importância para muitas escolas. Durante o estágio percebi que as escolas utilizam, na maioria das vezes, os métodos tradicionais no ensino de arte, ou seja, o cinema não faz parte do contexto escolar da sala de aula.

A inserção de conteúdo cinematográfico tanto nas aulas de artes como também em todas as outras disciplinas, amplia a visão do aluno a ter contato com outras realidades. Através do cinema o aluno poderá ter acesso à sua história e cultura. Muitos filmes são lições de vida, ensinam algo diferente do que estamos acostumados a ver em nosso dia-a-dia, aumentando a nossa capacidade de compreender o mundo, além de ser algo lúdico que mexe com a nossa imaginação.

A busca de material cinematográfico e videográfico por professores de escolas públicas do Estado do Acre é praticamente inexistente por falta de fonte de pesquisa local e incentivo por parte das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação. Muitos professores não têm acesso ao cinema, visto que a maioria dos municípios do Acre, com exceção da Capital Rio Branco, são desprovidos de cinemas públicos e privados. Há apenas algumas iniciativas isoladas. Essa falta de conhecimento por parte dos educadores contribui para que essa perceptiva seja ausente, porém esta ausência não está somente no campo do cinema, mas também na música, que é muito mais popular na comunidade.

Como forma de contribuir com a melhoria da qualidade do ensino-aprendizagem nas escolas, este projeto tem como objetivo conscientizar às instituições de ensino sobre a importância da história do cinema, para que seja trabalhada a história acreana pedagogicamente em sala de aula numa linguagem cinematográfica.

Portanto, defendo que a escola deve ser um lugar de encontro com o cinema como arte, pois cinematografia contribui para disseminar a arte e a cultura em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

QUEIROZ, Adalberto, Pioneirismo no cinema amador acreano em: <http://www.bibliotecadafloresta.ac.gov.br/HOME/almanacre_12_13_set.pdf>. Acesso em 14 de julho 2011.

_____, **Adalberto**. Acervo associação acreana de cinema, 16 de setembro 2011. Registro de observações e entrevistas no decorrer do curso. Entrevista concedida a Verônica Rodrigues Lopes.

BARBOSA, Ana Mae. Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2002.

_____, A. M. (Org.) Inquietações e mudanças no Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 2003. 184p.

COUTINHO, Laura Maria. Aprendizagem, Tecnologia e Educação a Distância. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

CABRERA, Julio. O Cinema Pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006, p. 28-29.

CARMO, Leonardo. O cinema do feitiço contra o feiticeiro. Revista Iberoamericana de Educación, OEI, n. 32, mai./ago., 2003. Disponível em: <<http://www.campusoei.org/revista/rie32.htm>>. Acesso em 25 de outubro 2011.

FERREIRA, Sueli (Org) O Ensino das Artes: Construindo Caminhos. Campinas: Papirus, 2001, 224p.32,)

VIGOTSKY, L.S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes. 2008. p.89-90.

ANEXOS

ANEXO I - Entrevista com Adalberto Queiróz, realizada em 16 de setembro 2011, gravada na rádio Aldeia90. 3 de Brasília, Ac.

Verônica Rodrigues: Como surgiu o cinema acreano?

Adalberto Queiróz: O ano de 1973 foi o marco inicial desta história. Eu era vendedor ambulante de bananas. Tinha 20 anos. cursava a 2ª série ginasial, correspondente, hoje, à 6ª série, na Escola Norma Lourenço Filho, centro da Cidade de Rio Branco, onde hoje é o Colégio Barão do Rio Branco. Fui convidado a participar do Cinema por João Batista Marques de Assunção, o Teixeira do Acre. Ele era vendedor ambulante de pães fabricados na Padaria do Espanhol, no Bosque. Nos estudos estava à minha frente dois anos. O Outro fundador histórico era o Antonio Evangelista de Araújo, o Tonivan. Esse era batedor de tijolos na Olaria de seu pai, João evangelista. Mais novo, tinha ainda menos instrução que eu. Esse perfil inicial é a demonstração do retrato do Acre à época, quando jovens estavam sempre aquém dos processos educacionais, isso quando estavam inseridos na escola. Vale destacar que nessa época no Acre não havia televisão, o Rio Acre tinha deixado de ser um Rio Navegável, pois com a construção da ponte metálica os navios de médio porte deixaram de vir a Rio Branco e outras cidades por causa da Construção da Ponte Metálica. Por via aérea só descia, em Rio Branco aviões de médio porte. A BR 364 era uma calamidade de Rio Branco a Cuiabá. Faltavam gêneros alimentícios, combustíveis e outros gêneros. A luz apagava-se às 10 da noite. Foi nesse contexto que surgiu o Cinema Acreano, por jovens que participavam da Comunidade de Base da Igreja São Sebastião, à Rua Epaminondas Jácome, centro de Rio Branco. Foi justamente nesse centro comunitário que, no dia 16 de março de 1973, às 4 da tarde, chuvosa, um sábado, onde e quando foi Fundado o Grupo ECAJA FILMES – Estúdio.

Verônica Rodrigues: Como foi que vocês decidiram fazer o primeiro, quais as condições?

Adalberto Queiróz: O Primeiro Passo foi ir atrás de quem pudesse nos arranjar o equipamento para filmar. Foi com a Joalheria Medeiros que conseguimos a primeira filmadora, uma Super 8mm marca YASHIKA XL. Começamos a filmar e quando as filmagens

terminaram eu achei que aquilo estava sem lógica. Questionei que o filme tinha que ter mais algumas cenas para terminar. Foi aí que o Teixeira abriu mão da idéia e me pediu que apresentasse a sugestão. Dentro de uma semana escrevi tudo e apresentei. Todos gostaram muito. Dessa forma ganhei o crédito de co roteirista de Fracassou Meu Casamento, estreado ao dia 03 de julho de 1973, no Cidade de Brasília – Acre, a pedido do , então, Deputado Estadual Wilde Viana das Neves, pai do Jorge Viana e do Tião que nos premiou com o primeiro Projetor do Cinema Acreano, com o qual exibimos Fracassou Meu Casamento, naquela noite tomada de gente na Praça Pública de Brasília. Foi uma noite memorável. Muitas pessoas de Rio Branco estavam lá para assistir a primeira produção do Cinema Acreano. O Prefeito era o Senhor Elson Dantas que estava lá com sua família, em peso. No outro dia o filme foi projetado em Cobija, a pedido de autoridades bolivianas. Foi outro show público, pois muita gente atravessou o rio de catraia para assistir novamente e outros pela primeira vez. Após essa duas noites de gala, um dia de amordaça. Na nossa volta, já na estrada policiais federais que representavam a ordem vigente do Golpe Militar de 1964 que havia cassado a Cidadania do Povo Brasileiro abordaram o Jeep que transportava João Batista com os equipamentos e o filme e apreenderam, sob a alegação do filme não ter certificado de Censura. Foi uma prisão arbitrária que combinava bem com o abuso de poder da época. Uma que o filme não foi pego na hora da exibição como mandava a lei e outra que mesmo sem certificado o filme não estava sendo exibido em sessão comercial. O fato é que ficamos sem o filmes e sem o direito de nos defender, por desconhecimento da lei e por medo de apanhar e de ser presos também, por sermos considerado comunistas e subversivos, argumentos usados para nos intimidar e permanecermos calados. O Teixeira ainda teve que depor na Polícia Federal até ser liberado, mas o filme ficou preso e até hoje ninguém, fora aquele público de Brasília e de Cobija, jamais assistiu a esse filme.

Verônica Rodrigues: E como o seu grupo era visto pela sociedade, já que era proibido qualquer tipo de manifestação?

Adalberto Queiróz: Foi comum, nas décadas de 70 e 80 do século passado, integrantes de outros grupos que surgiam, em Rio Branco, após o Grupo ECAJA nos taxar de ser alienados por não estar junto com eles nas manifestações de combate ao Regime Militar. De certo modo eles tinham razão, pois eles faziam teatro e música e se a coisa apertasse era muito fácil todo mundo sair correndo. Todavia eles não entendiam que nós para mostrarmos um filme estaríamos amarrados a uma parafernália de fios tomadas, caixa de som, projetor e filmes.

Até desligarmos tudo e embalarmos já estaríamos seguros, presos e punidos. Só nós sabemos o que é gerar um primeiro filho e ser bruscamente desfilhados. Eles prenderam o nosso primeiro filme e nem tivemos o gosto, nem o direito de aprendermos mais com os nossos erros, para produzirmos o segundo filme. Modéstia à parte, o espírito de vanguarda do nosso grupo estava com a minha pessoa. Eu tive a iniciativa de convidar o Teixeira para irmos ao Palácio Rio Branco, conversar com o governador, pois, no meu entender, nós estávamos fazendo cinema, uma arte muito cara e o nosso fazer significava o Acre estar fazendo. O que importava eram essas condições. Nós precisávamos fazer com que o estado tivesse um olhar sobre as nossas propostas, pois nós estávamos olhando para o coletivo. Não havia nenhum outro grupo organizado de arte na sociedade civil. Nós éramos a vanguarda desse movimento que adentro o Palácio Rio Branco para ter um conversa com o, então governador, Francisco Wanderley Dantas que, de cara, sugeriu que a gente “fosse plantar batatas que faria muito melhor negócio” . O Teixeira ficou indignadíssimo. Eu percebi que o governador disse isso em tom de brincadeira, pois estava sorrindo. Para mim aquilo não passou de uma provocação para que nós demonstrássemos quem éramos e se o nosso propósito era mesmo firme. Tentei argumentar isso com o Teixeira, descendo as escadarias do palácio, mas não houve jeito de convencê-lo. Ele era o Diretor do Grupo ECAJA e eu o secretário. Em 1975 houve mudança de governo. Saía o Wanderley Dantas e entrava o Geraldo Mesquita. Lá estava eu convidando o Teixeira para irmos ao palácio, mas ele estava muito resistente e descrente e sempre dizendo: “Eu não quero papo com esses caras não, tudo são a mesma coisa”, mas eu dizia que o momento era outro e que devíamos tentar novamente. E assim fomos. Quando chegamos ao Palácio fomos conduzidos até a Assessoria de Comunicação, onde fomos recebidos e falamos o que queríamos. A Sônia Maria, secretária, pediu que aguardássemos. Foi falar com a Assessora -Chefe, a Profª. Edir Figueira Marques de Oliveira, mãe do Cassiano Marques. Muito cordial ela nos cumprimentou e falou: - Ah... vocês são os rapazes do cinema. O que desejam?

- Queremos marcar uma audiência com o Governador para falar dos nossos propósitos com o cinema.

Ela nos pediu que aguardássemos. Foi direto ao Gabinete. Quando retornou disse: “por favor, me acompanhem”. Subimos as escadas internas e fomos direto ao Gabinete do Governador. Eu estava ali pensando que a audiência deveria acontecer de um mês para frente. Mas quando vi o Governador se levantar de sua cadeira e nos receber de pé,, apertar a nossa mão e dizer:.”Eu já conheço a história de vocês. Já li todas as matérias que saíram no Jornal”. (à 5 época só havia O Rio Branco) Eu olhava pro Teixeira sorridente e pensava comigo: “é por

isso que a gente nunca deve desistir. Essa conversa com o Governador Mesquita durou os seus quatro anos de mandato. Naquele primeiro dia nós falávamos que era preciso o governo ter um setor para dialogar com quem estava fazendo arte. O Governador pediu que a gente procurasse outros artistas e que a partir daquele dia estava instituído um café da manhã todas as sextas No Salão Nobre do Palácio Rio Branco para se conversar sobre cultura. Convidamos o Mastro Sandoval, da Banda de Música da PM que designou o Maestro Elias Ribeiro Alves, a Prof. Elais, o Clodomir Monteiro, hoje Presidente da Academia Acreana de Letras, estaca lá a Gertrudes, a Rosimeira da Costa, a Márcia Cabral Parente, o Mirim, depois o Gregório Filho que assistira Rosinha, a Rainha do Sertão no Colégio Acreano. O governador anunciava o decreto de Criação do DAC – Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura, em 1975. Quando o Mesquita perguntou quem iria realmente assumir o DAC, disse olhando pra mim, estudante da concludente da quarta série ginasial. Sugeri logo o Gregório que havia chegado com formação superior em Teatro e, disso, ninguém teve dúvidas que era o melhor nome, inclusive o governador que não hesitou e bateu logo o martelo. Vale ressaltar que o Mauro Modesto era uma espécie de curinga no auxílio a tudo o que se articulava no Palácio Rio Branco. Sempre acompanhou tudo. O DAC foi criado para conduzir a política governamental de cultura, voltada para os anseios e interesses dos artistas. No dia da primeira reunião no palácio, o Governador exigiu que se fosse buscar o filme Rosinha pra ele assistir em seu gabinete, junto com seus assessores. O Carro oficial do palácio foi designado para tal e o filme foi exibido e ele pediu para programá-lo em frente ao Palácio para o povo ver, com ele, o que também aconteceu, com sucesso. Na semana seguinte fomos convidados a ir a Brasília, com a finalidade de projetar Rosinha, a Rainha do Sertão e documentar (filmar) as programações alusivas ao Acre, na Capital Federal. Foi quando o Teixeira foi contratado pela Sucursal da Rede Globo em Brasília, compondo a equipe de produção de reportagens. Na época se filmava para a televisão em película na bitola 16mm. Os eventos da programação do Acre, em Brasília eram organizados pela Fundação Cultural do Distrito Federal. Eu fiquei de olho e de ouvido ligados. Quando terminou certa solenidade eu cheguei para o rapaz que fazia o cerimonial e perguntei como era que funcionava aquela fundação. Ele me encaminhou para o seu Diretor Executivo, Dr. Marco Antonio, ao qual falei da intenção de se criar uma fundação dessa no Acre. Ele me disse que era só o Governador do Acre ter boa vontade e baixar um decreto criando uma. Na oportunidade solicitei da possibilidade de colocar à minha disposição alguns documentos referências para embasar a criação da nossa no Acre. Ele me atendeu passando um organograma e uma carta proposta com o referencial de finalidades da Fundação do Distrito Federal. Passei esses documentos para o Governador Geraldo Mesquita,

falando a ele da importância de se criar uma Fundação Cultural para o Acre. Ele gostou da idéia e na reunião seguinte ele colocou na pauta a criação dessa fundação, afirmando que o DAC desenvolveria atividades culturais em todas as áreas e, paralelamente iria estudando a sua transformação em Fundação. Lá mais na frente ficou decidido que o novo órgão seria chamado de Fundação Cultural do Acre. Já era final de 1978 e o governador muito ocupado com as prestações de conta para entregar o cargo ao próximo governador, jê escolhido pelos militares, Joaquim Falcão Macedo, cunhado do Deputado Wilde Viana. O Mesquita não encontrou tempo para baixar o decreto de criação da fundação idealizada por nós, mas passou o projeto pronto para o Macedo que, imediatamente passou para o Elias Mansour Simão Filho, chefe do seu Gabinete Civil e esse alterou a denominação no projeto, passando a se chamar Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Cultura e do Desporto. Isso também significou uma ampliação do seu raio de Ação. O Governador Macêdo Baixou o Decreto criando a fundação e nomeando o Elias Mansour para acumular o Cargo de Presidente da FDRHCD que, por sua vez, nomeou o carioca Ramayana Vaz Vargem para a Coordenadoria de Ação Cultural. Os antigos integrantes do DAC passaram para essa coordenadoria. Gertrudes, Rosimeire,, Teixeira, Elias Júnior e , Antonio Dourado, enquanto eu estava no Comando da Rádio Difusora Acreana, pois o Gregório Filho que era o diretor havia ido para o Rio atender o Chamado do INACEN pra ocupar sua vaga conquistada em concurso público.

Verônica Rodrigues: Como Surgiu a TV Aldeia?

Adalberto Queiróz: Assim que foi eleito o Primeiro Governo Civil, após o Golpe Militar de 1964, com Nabor Júnior pelo MDB que representava a oposição no Brasil, o Presidente da Fundação Cultural, Prof. Jacó César Piccoli andava por Brasília com objetivo de montar uma TV pública em Rio Branco. Na época a concessão só era feita para as capitais e cidades, onde existissem produtores e exibidores de cinema, legalmente. De volta a Rio Branco, de mãos abanando, o Jacó lembrou-se de que havia um grupo que, talvez, pudesse atender os requisitos exigidos pelo Ministério das Comunicações e da Educação para a Montagem da TV Educativa no Acre. Adalberto Queiroz era o homem procurado. O Jacó falou-me do que o Governo do Acre se Propunha. Entendi e coloquei em suas mãos o Estatuto do Grupo -ECAJA, a Ata de Fundação, a Ata de Posse da Diretoria, a cópia do Diário Oficial que publicara o estatuto, as dos diários que publicavam a Lei 162 de 07 de dezembro de 1978 reconhecendo o ECAJA como de Utilidade Pública no Estado e da Lei 345 de 28 de junho de 1982 reconhecendo o

ECAJA de Utilidade Pública no Município de Rio Branco, a Cópia do Registro no Conselho Social de Serviço Social do MEC e várias cópias de Jornais locais publicando matérias sobre o Cinema Acreano, bem como a relação de filmes já produzidos no Acre e recortes das nossas participações no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, 1978 Festival do Filme Súper 8, em São Paulo, 1979 e Mostra de Fotografia e Cinema no Botafogo, Rio de Janeiro, em 1980. O Jacó já saiu daqui pisando mais leve que algodão, quase flutuando. Quando chegou a Brasília que apresentou o referencial do Acre, até os agentes dos ministérios vibraram e, de imediato veio a concessão da TV Educativa, ligada à Fundação Roquete Pinto, passando mais Tarde, a reproduzir as programações da TC Cultura e hoje é retransmissora da Rede Brasil. No Acre ninguém sabe dessa história e quem sabe está calado, por não interessar contar.

Verônica Rodrigues: Como o cinema dialogava com as outras artes?

Adalberto Queiróz: Nós do Cinema Acreano sempre tivemos à frente de todas as lutas. Um pouco mais tarde com os companheiros, camaradas das artes plásticas, teatro da música, da literatura e outros segmentos. Sempre articulamos e defendemos que os artistas tinham que se unir, sentarem para conversar. Houve um período que era terrível. A briga era muito fisiológica, por espaço, por cargo. Parecia que a sobrevivência pessoal estava em primeiro plano e se esquecia da nobre luta para defender o coletivo, não só dos artistas, mas da sociedade como um todo. Para fazer muita gente enxergar a coisa nessa direção eu mentalizei e encaminhei a proposta da Criação de Dois Programa na Rádio Difusora Acreana: Momento Cultural só para envolver e difundir a arte e a cultura geral dos acreanos, música, cinema, teatro, artes plásticas, poesia, artesanato, repente, cordel, tema indígenas e outras manifestações folclóricas. Isso era pensar coletivo e todos exercitarem a cidadania por meio do rádio, expondo suas idéias e contribuindo para que as instituições cada vez mais aumentassem a sua disposição em compreender e ajudar a cultura. Foi um dos Programas de maior audiência, aos domingos no Rádio Acreano, pois a população se via no rádio, por meio da comunicação. Esse programa contribuiu para aproximar muita gente que nos olhava com desconfiança, usando argumentos que nós éramos aliados dos governos e nunca entendiam que, na verdade, nós éramos aliados do estado que representa o conjunto dos cidadãos e de suas instituições. Tanto é que não foi à toa que deixamos todos esses legados ao Estado do Acre, não a governo nenhum. Hoje nós olhamos para trás e pensamos; valeu à pena, a gente ter se apegado a frase que diz; *“a melhor forma de você vencer o inimigo é juntar-se a ele”*. Enquanto muita gente boa estava apegada a ideologias que nós nunca deixamos de valorizar,

nós estávamos operando na prática, fazendo valer os nossos ideais, os nossos direitos e deveres, buscando coisas concretas que pudessem garantir os anseios dos amplos coletivos. A nossa última batalha idealizada pelo Músico João Veras, com o Lenine Alencar, Dalmir e ali eu estava em todas as reuniões, muitas delas filmando para testemunho futuro, chamando outros companheiros e muito iam lá só pra dizer que não acreditavam, que era mais uma manobra e que não iam perder tempo discutindo bobagem. A gente ouviu muito isso. Mas o melhor de todo é que tinha muitos como nós, com persistência e paciência. Foi daí que nasceram os reais estudos para a montagem de um Conselho de Cultura para o Acre, apenas o primeiro passo para a montagem de um Sistema Estadual de Cultura, com o qual ainda estamos batalhando para consolidá-lo em sua plenitude, como Política de Estado. No Município de Rio Branco a Luta também foi igualmente acirrada e sem tréguas, mas o seu Sistema está caminhando a Todo Vapor! Agora a nossa missão é lutar muito para que os municípios acreanos consigam implantar o seu Sistema de Cultura. Esse é o papel que tem sido desenvolvido pela Fundação Elias Mansour e pelo Conselho Estadual de Cultura.

ANEXO II - Análise coletiva do filme

Análise coletiva do filme será baseado em quatro eixos:

- A importância que o cinema tem para o fomento da cultura e da arte acreana.
- Comentário das cenas que mais chamaram sua atenção.
- O que o filme tem a ver com a cidade ou bairro que o aluno mora.
- A diferença dos filmes feitos no Acre para os produzidos nas grandes cidades.

ANEXO II

ANEXO II - Estudantes de Assis Brasil, Brasileia e Eitaciolândia recebem netbooks

Programa Ensinomédio. ac garante a entrega de computadores a todos os estudantes do Ensino Médio

No Acre a educação é uma prioridade. É a educação que determina o futuro de um povo e o Estado tem feito um grande esforço para colocar o ensino no lugar que merece: o de destaque. Para o Governo do Acre, a tarefa de ensinar não se restringe à sala de aula e professor. A inclusão digital é essencial para redução de desigualdades e por isso, alunos e professores do ensino médio estão recebendo netbooks para complementar o processo de aprendizado. Na última sexta-feira foram entregues os equipamentos para os estudantes de Assis Brasil, Brasileia e Eitaciolândia.

“Não tem outro lugar no Brasil ou no mundo em que um governo entrega computadores para alunos. Se um estudante se prepara intelectualmente ele é capaz de mudar a história. Se queremos mudar o mundo em que vivemos, essa mudança tem que acontecer pelo conhecimento. E educação é o farol de uma sociedade”, disse o governador Tião Viana.

O programa Ensinomédio.ac prevê a entrega de nove mil netbooks a todos os alunos da rede pública estadual que estão cursando o último ano. Os professores também recebem o computador para interagir com os estudantes em sala de aula, já que são máquinas equipadas com programas e outros conteúdos educacionais. O programa é executado em parceria com o Governo Federal e é único no Brasil.

O secretário de Educação, Daniel Zen, lembrou que a entrega dos netbooks faz parte de uma política de inclusão digital que também agrega ações como as comunidades digitais, presentes em todo o Estado e o Floresta Digital. Os netbooks são uma oportunidade de reforçar o aprendizado, e, por isso, eles estão equipados com 2,5 mil obras literárias de domínio público – incluindo as leituras obrigatórias para o vestibular, além de conteúdo da TV Escola e mais de 80 programas educativos.

A diretora da escola Íris Célia Cabanelas Zannine, em Assis Brasil, Ivanir Oliveira destacou a importância da ferramenta para o aprendizado:

“Esse é um incentivo para que os alunos não desistam de estudar e um mecanismo que ajuda a continuar crescendo. É uma aposta que o Governo do Estado faz na vida de cada um de vocês que estão recebendo esses computadores”.

O prefeito de Epiaciolândia, José Ronaldo, falou da importância das ferramentas que os alunos receberam. Para ele, além de incentivar os alunos aos estudos, é uma forma de conhecimento que garante o preparo dos estudantes para os desafios do dia a dia.

Participaram da agenda o deputado estadual Astério Moreira, o deputado federal Sibá Machado, e o senador Aníbal Diniz, além dos prefeitos e secretários de cada município e a comitiva do governador Tião Viana.

“A geração de vocês será infinitamente mais preparada que a nossa, porque não tivemos acesso a isso. É através da educação e dos avanços da tecnologia que vamos fazer do Acre um estado liberto. Vamos fazer do Acre o povo mais preparado do Brasil, porque é isso que vai fazer a diferença”, comentou o senador Aníbal Diniz. Para garantir a inclusão desses jovens nas novas tecnologias, o governo investiu R\$ 7 milhões.

Escrita por: <http://www.agencia.ac.gov.br>